

*No
país
de
Iqbal*



(Primeira parte.)

À minha mãe, às suas mãos tão suaves.

*Para todas aquelas crianças
que trabalham sem ter idade,
em qualquer parte do mundo.*

Jacques Vénuleth

1

— Feliz aniversário, querido!

Kevin sopra as velas. Apaga-as de uma só vez. À volta dele, pais e amigos gritam e aplaudem.

Kevin pode agora abrir os presentes. Gosta particularmente deste momento, em que rasga o papel dos embrulhos.

Estragam-no com mimos. Como acontece todos os anos.

Começa pelos sobrescritos que contêm dinheiro, mas o que mais gosta de abrir são, é claro, os presentes de verdade.

Dos três embrulhos, Kevin já percebeu qual é o melhor, aquele por que está à espera. Guarda-o para o fim.

— Uau, é tão bonita! — exclama.

Exactamente o que ele queria: uma bola de couro, cosida. Uma bola de jogador profissional, azul e branca, ainda mais lisa e brilhante do que nos seus sonhos.

Tira-a da caixa, segurando-a com a ponta dos dedos, como se fosse de açúcar.

Kevin queria uma bola, porque Laurent, o seu vizinho, tem uma e nunca quer emprestá-la por muito tempo. No entanto, é muito menos bonita. Quando jogam na praceta em frente das vivendas, sempre que Laurent começa a perder, encontra um pretexto para se zangar. Pega na bola e vai-se embora. E, claro, o jogo acaba. É irritante.

De futuro, ninguém voltará a interromper a partida enquanto Kevin quiser continuar a jogar; ninguém poderá suspendê-la contra a sua vontade.

Nunca se sentira tão feliz.

— Dá cá! — pede o pai, estendendo as mãos.

É a sua vez de agarrar na bola. Acaricia-a, fá-la saltar, que vontade de lhe dar uns bons pontapés!

— Dá-ma — atalha rapidamente Kevin, que sabe o pai que tem. Quando este segura uma bola nas mãos, torna-se uma autêntica criança. É capaz de a estragar sem querer.

— Se querem jogar, vão para o jardim!

A mãe conhece-os bem, e já começa a reçar pelos móveis e adornos.

Kevin não espera que lhe digam duas vezes e desata a fugir com o seu presente.

Nem sequer espera até chegar ao relvado. Ainda vai a meio do terraço e já quer experimentar a bola. Lança-a ao chão e estende as mãos para a apanhar...

Mas não apanha nada! As mãos estendidas ficam vazias. A bola não saltou. Caiu como goma sobre a tijoleira. Não voltou a mover-se, ficou como que colada e mole. Dir-se-ia um *marshmallow*.

Espantado, Kevin baixa-se para pegar no seu tesouro. Espantado, mas não inquieto.

Esta bola não pode ser de má qualidade. Foi ele, Kevin, que a atirou mal... Ou então é a tijoleira do terraço que está pegajosa, provavelmente cheia de compota. Seja como for, tratou-se de um acidente que não voltará a acontecer.

Kevin limpa a bola e dá-lhe lustro. Observa-lhe discretamente todas as costuras mas, nada, está tudo perfeito.

A bola precisa é de erva. No relvado vai renascer.

Kevin afasta-se da casa e espera o momento de chegar a meio do relvado para

atirar ao ar o seu brinquedo.

Lança a bola para o céu, o mais alto que lhe é possível. Orgulhosamente, vê-a descer, lisa, brilhante, azul e branca, bela.

Vê-a descer... e abater-se sobre aquele tapete de relva tão suave, sem o menor desejo de saltar e de se divertir.

Não há dúvida, esta bola tem algum defeito, há algo que não bate certo.

2

— Então! Não chores! É porque a bola não está suficientemente cheia. Acontece muitas vezes quando são novas.

Kevin tinha ido contar ao pai a sua desdita. Apesar dos esforços para se conter, os olhos estão cheios de lágrimas.

O pai enterra os fortes polegares no couro, que cede facilmente.

— O que é que eu dizia! Anda, vamos arranjar isto!

Kevin assoa-se e vai com o pai até à garagem. Está cabisbaixo, ainda não sorri, mas já recuperou a esperança.

O pai de Kevin é habilidoso. Na garagem, penduradas na parede ou guardadas numa gaveta, há ferramentas que permitem consertar tudo o que não funciona bem à face da terra.

— Não mexas! Sei que há uma bomba de ar em qualquer lado... Cá está, nesta caixa...

Introduz um tubo fino como uma agulha na bomba de ar e, com firmeza, segura a bola recalcitrante entre os joelhos. E depressa lhe devolve a boa cara que ela nunca deveria ter perdido.

— Anda, apanha-a, se fores capaz!

A porta da garagem abre para o jardim. O pai lança a bola com tanta força que esta devia saltar até à parede do fundo. Kevin corre atrás dela, a rir-se...

Mas não por muito tempo!

Cheia ou não, a bonita bola deixa-se ficar na relva, após dois ou três saltos ofegantes. Não chegará nunca à parede do fundo.

Mais uma vez a esperança morreu nos olhos de Kevin.

— Tens razão — constata o pai — algum defeito há-de ter, na verdade. Talvez um problema no couro, não compreendo... Guardei o talão de compra. Amanhã vamos à loja para a trocarmos, não te preocupes!

Kevin encolhe os ombros: — Amanhã, amanhã!

Não está preocupado, mas a festa, o seu aniversário, é hoje, não amanhã! Com um pontapé furioso, atira aquele trapo mole para um canto, já que não serve para nada.

Kevin decide esquecê-la. Afinal, tem outros brinquedos, brinquedos de verdade que gostam de se divertir, brinquedos de confiança.

Chegada a noite, ainda se sente tão zangado que continua a não querer ocupar-se daquele brinquedo tão decepcionante.

— Pode dormir lá fora, é o que merece.

Mas o pai não está de acordo.

— Não, não, Kevin. Vai buscá-la e guarda-a. Se a perderes ou estragares, já não podes trocá-la.

É verdade. Kevin reconhece-o. O pai tem razão. Vai buscar a bola. Empurra-a com o pé até ao terraço, como se fosse uma velha lata de conserva, depois pega nela sem qualquer cuidado. À entrada do quarto está o cesto da roupa suja. Atira-a lá para dentro.

— Dorme bem! — ironiza.

De agora em diante só quer esquecê-la, mas sente-se tão irritado que não é capaz de o fazer. Antes de se deitar, não consegue deixar de se virar uma vez mais para o cesto, onde a deixou:

— Não se admite o que fizeste, não se admite. No teu lugar, escondia-me. Não tens o direito de ser tão bonita, de brilhar, para depois não servires para nada quando contamos contigo. Não tens o direito de te esvaziares dessa maneira... Uma idiota, é o que tu és! Detesto-te!... Ainda bem que não te mostrei aos meus colegas. Que vergonha!... Mas não faz mal, não perdes pela demora. Amanhã vais voltar para de onde vieste, e nunca mais quero ouvir falar de ti!

Mais calmo depois destas duras palavras, Kevin deita-se e apaga a luz. Está tão cansado que adormeceria bem depressa se, por detrás dele, um estranho barulho se não fizesse ouvir.

Um estranho barulho, na verdade, como o de alguém a fungar, como o soluço abafado de uma criança. No meio da escuridão, Kevin ergue-se e aguça o ouvido.

— És mau! — escuta distintamente.

Desorientado, volta a acender a luz da mesa-de-cabeceira:

— Quem foi que falou, quem? — pergunta Kevin, cada vez mais inquieto.

— Aqui! — decide-se a dizer a voz misteriosa. — Aqui! Na tua bola!

De facto, a voz parece sair do cesto da roupa suja.

Kevin senta-se na beira da cama, virado para o cesto, sem se atrever a aproximar-se. É impossível, não consegue acreditar.

— Uma bola não fala! Uma bola não tem boca!

— Uma bola também não tem ouvidos e, no entanto, dirigiste-me a palavra, deste-me uma lição de moral durante um quarto de hora! Verdade ou mentira? Julgo até que me chamaste “idiota”...

— Escapou-me...

— Bem vêes que não é assim tão simples.

Com os olhos encarquilhados e a boca aberta, quase sem respirar, Kevin fixa o recipiente.

— Vá, não fiques assim. Vou explicar-te. Mas, por favor, tira-me deste cesto de roupa suja.

Kevin obedece como um autómato. Aproxima-se e levanta a tampa. É de facto a bola que está lá dentro, a própria bola.

Pega nela cautelosamente, com as pontas dos dedos mas, desta vez, é por ter medo dela. Com os braços esticados, leva-a até à cama e pousa-a em cima do colchão.

— Pára lá com essas fitas! Anda ajudar-me! — impacienta-se a voz.

Kevin dá um enorme grito, porque a voz já não vem de dentro da bola.

Um rapazinho da sua idade esforça-se por sair pelo minúsculo orifício da válvula. Já libertou a cabeça e os ombros.

Com as duas mãos apoiadas no couro, tenta soltar o resto do corpo, e é a voz dele que se ouve.

Kevin esconde o rosto. Já nem se atreve a olhar.

— Não! É demais! Vim parar à casa do rei dos medricas, ou quê? Anda ajudar-me, já te disse! Acho que fiquei preso.

Kevin ainda tem medo, mas sente-se envergonhado. Não pode continuar a tremer. Faz um esforço para se aproximar.

É verdade que o rapaz não é nenhum monstro. Com os cabelos muito negros e muito lisos colados à testa, é parecido com qualquer outra criança.

Kevin agarra a bola, segura nela com firmeza para a impedir de deslizar para os lados, enquanto o seu estranho visitante faz cada vez mais força com os braços. — Assim, isso! Aguenta!

Faz tanta força que se liberta num rompante, de uma forma tão brusca como a rolha de uma garrafa de champanhe. Depois de um enorme trambolhão, acaba sentado, de costas contra a parede, a um canto do quarto.

Ri-se. Os dentes reluzem-lhe no rosto tisonado.

Kevin ri também. O medo desaparecera. O coração continua a bater-lhe acelerado, mas por causa do esforço e da emoção.

— É um caso sério sair de lá de dentro. Ainda bem que me ajudaste, se não, ainda lá estava.

Kevin encolheu os ombros. Concorde, sente-se até orgulhoso, mas nem sabe o que dizer. Não se pode falar tranquilamente, como se nada fosse, com alguém saído não se sabe de onde. Antes de mais, Kevin precisa de algumas explicações.

O rapaz compreende.

— Queres saber como cheguei até aqui? É normal! Vou explicar-te, conforme prometi.

Levanta-se e alisa a roupa amarrotada: uma longa túnica, uma espécie de camisa de noite. Satisfeito, senta-se confortavelmente com as pernas cruzadas, em cima da alcatifa. Kevin instala-se a seu lado, com as costas apoiadas na beira da cama.

Para começar, o rapaz apresenta-se:

— Chamo-me Iqbal... Tu, chamas-te Kevin. Ouvi o teu pai chamar-te assim.

— Ouvias tudo dentro da bola?

— Claro!

— E... (Kevin lembra-se dos seus pontapés furiosos) também sentias tudo? Devo

ter-te magoado! Desculpa.

— Não te preocupes, já vi outras coisas bem piores no local onde trabalho! Aliás, foi por isso que fugi.

— Trabalhar... Fugir... Continuo sem perceber! Antes de mais, diz-me de onde vens.

— Venho de muito longe. Venho do país onde se fazem as bolas.

Continua na próxima sexta-feira!

Jacques Vénuleth
Au pays d'Iqbal
Paris, Ed. Magnard, 2001